

Arquipélago Carcerário e a Sociedade do Espetáculo: A cultura midiática do medo como agente da promoção de políticas de segurança ostensiva na Pós Metrópole latino-americana

Davi Figueiredo

URGENTE



Resumo

A pós metrópole na América Latina e o desenvolvimento territorial urbano sob a ótica da sociedade do espetáculo, na busca de compreender as influências midiáticas na concepção urbanística das cidades no contexto neoliberal, de seus espaços públicos e privados. A cultura do medo como propulsora de um anseio por políticas de segurança que demonstrem força bélica, que estimulam a vigilância e a reclusão e a consequente criminalização da pobreza proveniente de um tipo de atuação no campo da segurança.

Palavras chave: Neoliberalismo, Desenvolvimento, Território, Segurança, Medo, Violência, Pós Metrópole, América Latina, Mídia.

O advento da modernidade trouxe consigo aspectos urbanísticos próprios, que moldaram as cidades de modo a ganharem características que desenvolveram o conceito do que conhecemos atualmente como “metrópole”, discutido amplamente por muitos autores de diversas escolas de pensamento a partir do século XX e até mesmo antes disso com os chamados “pré urbanistas”. As transformações advindas do planejamento urbano que moldaram esses territórios modificaram profundamente o espaço geográfico das cidades. (MONTE-MÓR, 2006)

A chegada da modernidade a partir da revolução industrial exportou projetos eu-rocêntricos de cidade que eram incompatíveis com a dinâmica de crescimento das colônias. Georges-Eugène Haussman, prefeito responsável pelo remodelamento urbano de Paris, desenvolveu o primeiro projeto de plano regulador de uma cidade moderna, que inspirou posteriormente cidades como Buenos Aires, capital argentina e a jovem capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, cidade planejada urbanisticamente responsável por representar os novos ares republicanos da recém constituída república brasileira e que substitui a antiga capital colonial do estado, Ouro Preto. (MONTE-MÓR, 2006)

Mapeiam-se três vertentes de planejamento moderno que influenciaram urbanisticamente o século XX: o progressismo, o culturalismo, e o naturalismo. A vertente mais difundida no Brasil é o progressismo, de Le Corbusier. O período que o progressismo urbanístico do Brasil teve seu apogeu, vai da Era Vargas até o golpe cívico militar de 1964. (MONTE-MÓR, 2006)

A lógica positivista que orientou intelectualmente os proclamadores da República, sugeria uma substituição da vida rural pela urbana, supondo que o progresso trazido pela modernidade levaria a um futuro melhor do que se se mantivessem hábitos de vida vistos à época como arcaicos. Foi então se desenvolvendo um “urbanismo de luxo”, que se preocupava prioritariamente com as questões que envolviam o poder público e a dinâmica industrial, não se atentando às necessidades populacionais. O processo de desenvolvimento urbano se tornou gradativamente subordinado à lógica do mercado, seja nas cidades majoritariamente compostas pelo fluxo de capital proveniente de bens e serviços, ou das cidades onde se predominava um potencial industrial. (LEFEBVRE, 2001; MONTE-MÓR, 2006)

As preocupações com um planejamento urbano de cunho social começam a surgir e a propor projetos que tivessem como enfoque a habitação e o direito à cidade, principalmente sob a influência de Henri Lefebvre. Porém, na prática do contexto latino-americano, durante os regimes militares que ocorreram na região, o projeto

lefebvriano se fazia incompatível com a concentração de poder dos militares, que concebiam a organização do Estado de modo vertical, o que levou que os investimentos se concentrassem nos centros urbanos, com enfoque em infraestrutura que permitisse intensificar a produção e o consumo. A necessidade de abrangência territorial do mercado consumidor acabou por gerar um processo de urbanização extensiva no subcontinente, formando as regiões metropolitanas das grandes capitais do país e os distritos industriais. (MONTE-MÓR, 2006; SANTOS, 1993)

A partir dos anos de 1960, gradativamente “a cidade da prosperidade, do progresso e do desenvolvimento passou a ser vista como a cidade do capital”. (MONTE-MÓR, 2006, p.15) Essa modificação começou a despertar os estudos de críticos neo marxistas, que vêem o fenômeno da globalização inserido em um contexto capitalista sob a égide de um projeto neoliberal, que retira do poder público várias de suas competências e transfere para a mão da iniciativa privada, causando assim a intensificação das desigualdades econômicas e sociais nas metrópoles. (CASTELLS, 2002; HARVEY, 1980; SOJA, 2000)

O efeito de urbanização extensiva que tomou conta dos espaços citadinos é uma metáfora para indicar que o urbano, é concebido a partir de então como “um substantivo e não apenas como adjetivo de cidade, e que ganhou virtualmente dimensões globais, representando todo o espaço social, ele todo agora equipado com condições urbano industriais, prenhe das relações de produção capitalistas e (re)politizado a partir da práxis gerada nas centralidades urbanas.” (MONTE-MÓR, 2006, p.17). A dicotomia campo cidade pós fenômeno do urbanismo extensivo, se tornou mais repleta de nuances, o que não significa que as questões agrárias tenham se solucionadas no país, já que a concentração fundiária ainda persiste como um gerador de desigualdades. A explosão da metrópole sob o seu entorno é fruto dessa urbanização extensiva, e esse fenômeno recebe o nome de “exópolis”:

A cidade, invadida pela indústria, implode sobre sua centralidade e explode na forma de tecido urbano sobre o seu entorno. A fragmentação da metrópole _ e a extensão da cidade _ e a emergência de subúrbios autônomos... Multipolarização, hibridismo sócio espacial, reificação de diferenças, construção de heterotopias e por vezes surpreendentes articulações cidade-campo e cidade-região marcam este discurso e modo de pensar o espaço (pós)metropolitano contemporâneo. (MONTE-MÓR, 2009, p.22)

É necessário compreender que o processo de industrialização tem papel fundamental na distribuição geográfica urbana e nas suas dinâmicas. O modo de

produção pós fordista, que reconfigurou a divisão social do trabalho e o modelo econômico do capitalismo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, não rompe com os aspectos modernos advindos do período de ascensão da revolução industrial, no entanto acrescenta novos fatores e gera especificidades que possibilitam o ingresso dos estudos urbanos na era das pós metrópoles. (SOJA, 2000)

Os teóricos do urbanismo industrial tiveram grande contribuição para que possamos compreender o modo como os meios de produção capitalista influenciaram no desenvolvimento geográfico e sócio econômico das metrópoles. Os modus operandis de produção são agentes basilares na formação dos conglomerados urbanos e nas suas dinâmicas de distribuição demográfica. Contudo as pós metrópoles trouxeram consigo através do que é definido por Soja como “cidade fractal”, um fenômeno que se estabelece na era pós fordista a partir de mudanças proporcionadas por uma nova maneira de se estabelecer a divisão social do trabalho. (Soja, 2000)

Essa fractalização trouxe consigo demandas superestruturais, que extrapolam a correlação do urbanismo com o modo de produção, contudo sem deixar de leva-la em conta. Demandas comunitárias e identitárias ganham maior relevância social e acrescentam à dinâmica urbano industrial questões de âmbito cultural que complexificam a investigação sócio urbanística das pós metrópoles. (SOJA, 2000) A teoria crítica à medida que se debruçou na busca da compreensão dos fenômenos urbanos, também paralelamente investigava os efeitos da comunicação em massa no ethos das metrópoles, através dos estudos da indústria cultural. (ADORNO, 1997)

Não é por um acaso que os estudos que envolvem a cultura de massas adotou o termo “indústria” para designar o novo fenômeno imagético que surgia a partir da reprodutibilidade técnica possibilitada pela revolução industrial (BENJAMIN, 2013) através da fotografia, do cinema e posteriormente da televisão, até chegarmos aos dias atuais de era informacional, com os dispositivos inteligentes e plataformas da web, da sociedade em rede e da cultura de convergência. (CASTELLS, 1999; JENKINS, 2015, LÉVY, 2010)

O conceito de urbanização extensiva, mencionado anteriormente, se intensifica a partir do processo de globalização, que vem acompanhado da comunicação em massa, já que através dos meios de comunicação e da sociedade do espetáculo, uniformizam-se em dada medida, as aspirações de consumo e modo de vida das populações que têm acesso a esses adventos tecnológicos a partir dos efeitos persuasivos da publicidade e propaganda, e também pela programação das redes televisivas, do jornalismo à teledramaturgia. (DEBORD, 1991)

1. Jack, o Estripador é o pseudônimo mais conhecido para designar um famoso assassino em série não identificado que atuou na periferia de Whitechapel, distrito de Londres, e arredores em 1888.

2. Francisco de Assis Pereira, que ficou conhecido como o maníaco do parque, é um assassino em série brasileiro. O maníaco do parque estuprou e matou pelo menos seis mulheres e tentou assassinar outras nove em 1998.

3. Presos americanos dão lucro à empresas. Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 11 de junho de 2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1106200004.htm> Acesso em: 08/12/2018

A “sociedade do espetáculo” como mediadora entre os “arquipélagos carcerários” e a cultura do medo

O êxodo rural é o grande responsável pela aglomeração urbana pós revolução industrial, com o deslocamento dos trabalhadores rurais principalmente para as fábricas em regime de trabalho assalariado. O fenômeno de urbanização nesse período foi se dando rapidamente, e as políticas públicas de Estado não acompanhavam o ritmo intenso de crescimento populacional nas cidades. Em países subdesenvolvidos do planeta, principalmente, isso ocasionou a “favelização” de suas metrópoles. A ausência de políticas públicas de todo tipo, inclusive de planejamento urbano que conformassem territorialmente essas populações, gerou grave impacto social, trazendo para as cidades uma série de problemas, dentre eles as desigualdades e a violência urbana. (DAVIS, 2015)

Os casos de violência nas metrópoles, de pequenos delitos à crimes hediondos, rapidamente desenvolveram um segmento de imprensa que posteriormente ficou conhecido como: “jornalismo policial”. Mas mesmo fora desse segmento específico, na imprensa de um modo geral, as notícias de crimes que ocorriam nas metrópoles se espalhavam rapidamente e geravam grande comoção popular e traziam altos índices de venda e audiência. Com casos emblemáticos de serial killers, que vão desde Jack “o estripador” [1], na Londres do final do século XIX, ao “maníaco do parque” [2], na São Paulo do final do século XX.

As políticas de recrudescimento contra o uso e venda de entorpecentes ilegais, que ficou também conhecida como “guerra às drogas”, a partir dos anos de 1970 com políticas de segurança implementadas pelo então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon e intensificadas posteriormente por Ronald Reagan, e que também foram adotadas na América Latina, povoaram as mentes dos leitores e telespectadores da imprensa com um extenso conteúdo ficcional e jornalístico acerca do tema desde então. A partir dessas políticas promoveu-se um grande aumento do encarceramento em massa nos Estados Unidos, com forte interesse da iniciativa privada que começou a utilizar de mão de obra barata através da contratação de presidiários [3].

Logo fica evidente, que uma cultura do medo se espalha rapidamente pelas cidades, dado o aumento da criminalidade nas metrópoles mas também, pela espetacularização da violência, já que a noção de realidade das sociedades pós indústria cultural, é demasiadamente influenciada pela recepção imagética, desde os conteúdos de ficção até chegar ao segmento jornalístico explicitado. (ADORNO, 1997; BAUMAN, 2008; DEBORD, 1991)

O medo é um dos sentimentos mais primitivos dos seres humanos e por isso amplamente explorado sócio, político e economicamente. Regimes totalitários como o nazi fascismo, por exemplo, gozaram de apoio popular trabalhando o

medo inconsciente das populações que foram submetidas aos seus desígnios e assim buscavam dar legitimidade às suas atrocidades. Em um mundo globalizado submetido à lógica neoliberal, afetos podem ser de grande valia para a obtenção de lucros. Na era informacional pós moderna, é exponenciada a capacidade de afetar sensivelmente através de construções sociais narrativas e imagéticas, determinados dispositivos psíquicos que criam um imaginário coletivo. (BAUMAN, 2008, DEBORD, 1991)

Guy Debord em “Sociedade do Espetáculo diz que:

A sociedade que modela tudo o que a rodeia edificou a sua técnica espacial para trabalhar a base concreta deste conjunto de tarefas: o seu próprio território. O urbanismo é esta tomada de posse do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se logicamente em dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço com o seu próprio cenário... Todas as forças técnicas da economia capitalista devem ser compreendidas como agentes de separação, o urbanismo é o equipamento da sua base geral, que prepara o solo para o seu desenvolvimento; a própria técnica da separação. (DEBORD, 1991, p.110)

O autor indiretamente evoca outro francês que é seu contemporâneo, Henri Lefebvre, e critica um certo tipo de urbanismo excludente. Ao fazê-lo reivindica o direito à cidade. Ambos, tanto Debord como Lefebvre, influenciaram o que veio a ficar conhecido como o maio de 1968 parisiense. (JACQUES, 2003) Debord parte daquilo que chama de “sociedade do espetáculo”, ao apontar o modelo de produção capitalista como responsável por formatar tanto um tipo característico de entretenimento midiático, quanto a forma como as metrópoles são planejadas e desenvolvidas urbanisticamente nas democracias liberais modernas.

O conceito de arquipélagos carcerários que Edward Soja trata em um dos seis discursos de seu livro “Pós-Metrópole”, dialoga em alguma medida com o que esses autores (Debord e Lefebvre) disseram. Ao passo que o autor foca em mecanismos adotados nas pós metrópoles que caracterizam uma disposição sócio espacial segregacionista, utilizando-se de artifícios, como por exemplo o de policiamento ostensivo, para repelir as ameaças que porventura possam pôr em risco a integridade física e/ou bens pessoais de seus respectivos proprietários.

Adotando as ideias de Foucault, a pós metrópole se representa como uma coleção de cidades carcerárias, um arquipélago de ‘recintos normalizados’ e espaços fortificados que entrincheiram, tanto voluntaria como involuntariamente, aos indivíduos e as comunidades nas ilhas urbanas visíveis, supervisionadas por formas

reestruturadas de poder e autoridade pública e privada. (SOJA, 2000, p.420)

No contexto das pós metrópoles latino americanas, ao que tudo indica fica evidente que uma cultura do medo, associada a uma população midiaticizada através da espetacularização da violência, proporciona um desejo por políticas de segurança pública ostensivas. Caso empírico recente foi o alto índice de aprovação da intervenção do exército brasileiro nas favelas cariocas [4]. Podemos nos perguntar em que medida a sensação de segurança advém do perigo real, e até que ponto ela se faz presente dado a essa espetacularização. Aquilo que pode ser chamado como “indústria do medo” lucra montantes bilionários todos os anos através de mão de obra e produtos especializados em segurança. Desde as rondas feitas por segurança privada, os alarmes, cercas, trancas, câmeras, toda infraestrutura dos condomínios fechados, e a legalização do porte de arma pode aumentar ainda mais os lucros desse segmento caso seja aprovada no que diz respeito ao Brasil.

A violência ocasionada pelo tráfico de drogas, que se concentra nas periferias pobres das pós metrópoles latino americanas, criou todo um imaginário acerca da vida do crime. Estereótipos e arquétipos que remetem a violência exclusivamente às comunidades em que a população vive em situação social de risco, fortalecem uma narrativa de criminalização da pobreza. (DA SILVA, 2010) Em que medida o cenário exposto anteriormente, influencia na disposição urbanística das pós metrópoles latino-americanas e em seus complexos arquipélagos carcerários relatados por Edward Soja? Como a sociedade do espetáculo explicitada por Guy Debord, infla uma cultura do medo que proporciona um cenário sócio espacial que conta com uma população que clama por políticas de segurança ostensiva na esperança de viver em territórios pacificados?

Essas perguntas nos levam à tentativa de aplicar uma correlação interdisciplinar de várias vertentes das ciências sociais aplicadas, mas com enfoque principal em autores que trabalham a comunicação social e o planejamento urbano, na tentativa de compreender esses processos e pensar formatos de segurança pública que se distinguem desses que reforçam uma disposição espacial de arquipélago carcerário, na busca de esmiuçar as causas que legitimam para grande parte da população a criminalização da pobreza e assim desmistifica-la, apresentando alternativas distintas de combate ao crime e a redução da violência urbana.

A importância de se buscar novos formatos de segurança pública para as pós metrópoles na América Latina

As cidades latino americanas sofrem com a violência urbana. Isso ocorre com tanta intensidade que até em partes do planeta onde há conflitos de guerra

4. Pesquisa Datafolha realizada nos dias 4 a 6 de setembro de 2018, com 1.357 entrevistados com 16 anos ou mais, em 35 municípios do estado do Rio de Janeiro. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/72-dos-moradores-do-estado-do-rio-querem-prorrogar-intervencao-federal.shtml> Acesso em: 08/12/2018

declarada, como na Síria, por exemplo, os níveis de homicídio não são tão alarmantes. A região é considerada a mais violenta do mundo [5]. O conceito de arquipélago carcerário explicitado por Soja se enquadra bem nesse contexto do subcontinente, dado que os altos índices de violência provocam na população o ímpeto de tentar proteger sua integridade física e seus bens pessoais.

Grandes muros são erguidos, cães de guarda, sistemas eletrônicos de segurança, condomínios fechados da alta classe, rondas de segurança privada nos bairros de classe média, “soldados” do tráfico fazendo o controle do fluxo de entrada e saída de pessoas em comunidades onde as facções criminosas controlam o território. A região em que Soja se debruça para observar esse fenômeno, é a cidade de Los Angeles, que mesmo tendo uma forte ligação com a história do México, ainda assim faz parte de um país desenvolvido, que a distingue das pós metrópoles latino americanas. Seria de grande valia fazer um levantamento de como os arquipélagos carcerários se formam no contexto de nossa região, partindo do exemplo de alguma de nossas cidades, assim com Soja fez com Los Angeles.

Umas das maneiras de fazê-lo é partindo de uma perspectiva comunicacional que se correlacione com a dinâmico espacial, através da relação que dada população estabelece entre as informações que recebe e suas concepções acerca de como deve se conceber a segurança pública para lidar com os conflitos que ocorrem nos grandes centros urbanos no que diz respeito à criminalidade e à violência. O espaço público urbano, fundamental para que se façam exercer os princípios de cidadania nos regimes democráticos, é constituído a partir de valores socialmente construídos. (KURI, 2003) Até que ponto o anseio por uma segurança ostensiva não impede que esses espaços floresçam na pós metrópole latino americana? O encarceramento em massa que é proveniente da criminalização da pobreza, tem feito com que as penitenciárias contem com um contingente cada vez mais numeroso de prisioneiros, e isso tem despertado o interesse da iniciativa privada. O Brasil tem uma das maiores populações carcerárias do planeta, e isso não chega sequer, próximo de solucionar os problemas que enfrentamos de criminalidade nas nossas pós metrópoles, mas pode gerar uma alta margem de lucro para aqueles que desejam investir no sistema penitenciário [6].

O discurso de um policiamento ostensivo tem ganhado força no Brasil e em outras regiões da América Latina, quando por exemplo, os colombianos rejeitaram em plebiscito o acordo de paz que colocava fim ao conflito com as FARC, em 2016, tendo posteriormente eleito um presidente conservador que defende esse modelo de segurança [7]. No caso brasileiro, também foi eleito um novo presidente da República que faz uso de um discurso enérgico de combate à criminalidade através de políticas de segurança ostensiva, tendo dito, inclusive, que não apoiava a intervenção militar das tropas do exército nas favelas do Rio de Janeiro porque defende que o agente de segurança nesses casos, teria de ter salvaguarda em caso

5. Fonte: Instituto Igarapé. Pesquisa publicada em 26/04/2018. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/am%C3%A9rica-latina-%C3%A9-a-regi%C3%A3o-mais-violenta-do-mundo/a-43555490> Data de acesso: 09/12/2018

6. SACHETTA, Paula 27 de maio de 2014. Quanto mais presos, maior o lucro. Disponível em <https://apublica.org/2014/05/quanto-mais-presos-maior-o-lucro/> Acesso: 10/12/2018

7. 02 de out. 2016: Em votação apertada, colombianos rejeitam acordo de paz com as FARC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37532788>. VASCONCELOS, Jorge, 02 de julho de 2018. Presidente da Colômbia toma posse sob pressão de reduzir produção de drogas. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2018/07/02/interna_mundo,692236/drogas-colombia-ivan-duque.shtml Acesso: 10/12/2018

de execução de algum suspeito no exercício das funções.

Não é simples falar de segurança pública através de uma perspectiva progressista, todavia faz-se necessário que alternativas distintas à esta que trata da segurança de modo a torna-la um espetáculo que se assemelhe aos filmes hollywoodianos de ação se faça presente, tanto para combater os problemas que envolvem a criminalidade à fundo, quanto para que esse tipo de modelo de segurança não se apresente como um risco que comprometa as liberdades democráticas, afinal de contas, a sociedade do espetáculo que Debord nos fala a respeito, tem uma capacidade poderosa de reconfigurar arquétipos para remodelar o conceito de quem são os mocinhos e os bandidos na vida cotidiana das pós metrópoles.

Referências

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. Comunicação e, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter et al. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. 2013.

CASTELLS, Manuel; MAJER, Roneide Venâncio; GERHARDT, Klauss Brandini. A sociedade em rede. Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

DA SILVA, Luiz Antonio Machado. “VIOLÊNCIA URBANA”, SEGURANÇA PÚBLICA E FAVELAS-O CASO DO RIO DE JANEIRO ATUAL. Caderno Crh, v. 23, n. 59, 2010.

DAVIS, Mike. Planeta favela. Boitempo Editorial, 2015.

DAVIS, Mike. Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles. Boitempo Editorial, 2015.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. 1991.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Leya, 2014.

HARVEY, David; SOCIAL, A. Justiça. a Cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.

JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista–IS. Arquitextos, São Paulo, ano, v. 3, 2003.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. Aleph, 2015.

KURI, Patricia Ramírez (Ed.). Espacio público y reconstrucción de ciudadanía. Flacso México, MA Porrúa, 2003.

LEFEBVRE, Henri; FORTUNA, Carlos. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

PIERRE LEVY. Cibercultura. Editora 34, 2010.

MARICATO, Ermínia et al. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: planejamento urbano no Brasil. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, p. 121-192, 2000.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil. Economia regional e urbana: Contribuições teóricas recentes. Belo Horizonte: Editora ufmg, p. 61-85, 2006.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Autêntica, 2016.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. Edusp, 2005.

SOJA, Edward W. Postmetrópolis: estudios críticos sobre las ciudades y las regiones. Traficantes de sueños, 2008.